

NOTA DOS EDITORES

DOI: 10.22239/2317-269X.00890

## Nota dos Editores

**Daniella Guimarães de Araújo<sup>I</sup>****Geraldo Lucchese<sup>II</sup>****Isabella Fernandes Delgado<sup>I</sup>****Maria Helena Simões Villas Bôas<sup>I</sup>**

Ao tempo que o Sistema Único de Saúde - SUS e o Sistema Nacional de Vigilância Sanitária - SNVS são debatidos no 7º Simpósio Brasileiro de Vigilância Sanitária - Simbravisa, a revista Visa em Debate agrega, neste número 4 do volume 4, temas que apresentam a pluralidade desse SNVS.

Pensar e realizar um número temático sobre *Diversidades Culturais e Riscos Sanitários* representou um desafio, considerando que não é usual o debate sobre a dimensão cultural de vigilância sanitária e a consequente publicação de artigos neste campo.

Nosso objetivo ao convidar um antropólogo e um pesquisador da saúde foi *aproximar as temáticas sociais da nossa temática regulatória, para buscar compreender processos sociais, apreender a realidade de grupos com os quais e para os quais ações de promoção e proteção são realizadas.*

Tentamos também contribuir para o acréscimo de temas a um dos eixos de pesquisa menos fortalecidos - e não menos importante - da pesquisa em VISA, a vigilância sanitária e a sociedade.

Desta forma, oito artigos neste número abordam de forma contemporânea as situações e percepções de risco e suas relações com a vigilância sanitária, como exemplo, destacamos:

Uma pesquisa nas regiões produtoras do Queijo do Serro, em Minas Gerais, e do Queijo Serrano, no Rio Grande do Sul, inspira-se no método etnográfico para compreender como ocorrem os processos de circulação e comercialização destes sistemas queijeiros e as possibilidades e limitações impostas pela legislação brasileira.

Um estudo de caso entre os Wajãpi do Amapá demonstra que as especificidades culturais do grupo indígena incrementaram a aceitabilidade do serviço de saúde ofertado à população.

Em Suape-Pernambuco, a elaboração de um documentário é apresentada como uma estratégia de comunicação e promoção da saúde em território com populações vulneráveis.

A conduta higiênica das marisqueiras no processamento artesanal do sururu na Bahia, após a atividade educativa, sugere a continuidade de atividades formativas e de estudos com esse enfoque.

A percepção e as representações sociais que tem a comunidade quilombola da Ilha da Marambaia com relação aos tabânidas, dípteros bastante comuns, é apresentada.

Uma reflexão sobre a assertiva de que os meios massivos de informação se revestiram num singular espaço de oferta de sentidos sobre o mundo, em geral, e a saúde, em particular, é colocada por meio do artigo: *“Crack e internação compulsória: impactos da comunicação e informação na vigilância”*.

A avaliação da percepção de risco de manipuladores de alimentos em serviços de alimentação do setor de turismo em São Paulo e a comercialização do pescado no município de Itaqui-RS também são discutidas.

Desta forma, todos estes artigos remetem aos dilemas e desafios que os aspectos culturais sinalizam à vigilância sanitária, ao considerarem contextos muito heterogêneos e modos de vida singulares, cabendo aos profissionais e gestores conhecer e gerir essas especificidades no cotidiano do trabalho com os riscos, danos e agravos, na pretensão de contribuir efetivamente.

<sup>I</sup> Instituto Nacional de Controle de Qualidade em Saúde, Fundação Oswaldo Cruz (INCQS/Fiocruz), Brasil

<sup>II</sup> GTVISA/Abrasco, Brasil



Apresentamos também, neste número, entre outros importantes artigos, um Debate sobre o componente laboratorial. O Debate discute as mudanças organizacionais e os seus impactos no controle analítico do risco sanitário dos produtos ofertados a população e sinaliza para a importância de se discutir à luz das mudanças econômicas, tecnológicas e políticas o papel do laboratório.

Uma revisão sobre fitoterápicos demonstra a evolução do marco regulatório fitoterápico brasileiro, permitindo melhorias sensíveis no perfil de segurança, eficácia e qualidade dos fitoterápicos ofertados à população.

Enfim, esperamos que este número, fechando o 4º ano da revista e lançado ao mesmo tempo do evento científico mais importante da área, o Simbravisa, possa contribuir para que as diferentes visões e percepções sobre risco e cultura, nos diversos lugares do país, sinalizem sobre as transformações necessárias à consolidação do SNVS.

Desejamos uma boa leitura e agradecemos nossos colaboradores, que formam uma rede competente e solidária na afirmação e divulgação deste conhecimento.

Esperamos em 2017 tempos mais salutares e viáveis para a saúde coletiva que sonhamos.